

CINEMA COMO PRÁTICA INTEGRATIVA COMPLEMENTAR

MARIANA GONCALVES DE ALMEIDA¹; JÉSSICA MARIA ROCHA DA SILVA²;
ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA³; ALEXANDRE SEVERO MASOTTI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas - jessicamariarochadas.111@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mariiana.gon.a@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – robertormcotta@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – alexandre.metodologia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) 2024/2025 - Edital PET Saúde Equidades 2023, contempla nesta edição, discentes de cinema distribuídas e distribuídos em dois grupos. No presente trabalho será apresentada a experiência de utilizar o cinema como Prática Integrativa Complementar (PIC) no âmbito do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Porto, na área da Saúde; como estudantes de Cinema e Audiovisual.

Neste relato, discutiremos as experiências de sessão de cinema realizadas com os usuários e usuárias da oficina de música do psicólogo Izamir Duarte de Farias no CAPS Porto, Pelotas-RS; entre as datas 23/07/2024 e 23/09/2024. Estas sessões foram promovidas nas terças-feiras com obras produzidas pelos universitários da Universidade Federal de Pelotas.

Assim, o objetivo da pesquisa é proporcionar uma reflexão sobre o contato deste público, com uma forma de arte narrativa e audiovisual (cinema), trazendo resultados desta prática que suscita questões sociais. Propõe-se que o cinema possa ser utilizado como uma forma terapêutica no cotidiano destes pacientes (Willrich & Kantorski, 2008).

2. METODOLOGIA

Com a intenção de criar um ambiente de troca lúdica, foi proposto que, a exemplo do já realizado por Fripp, J. em 2024, o cinema entrasse no ambiente terapêutico integrativo na promoção de saúde mental.

A ideia de realizar projeções de cinema, especificamente curtas-metragens produzidos por estudantes de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), nos grupos de apoio do CAPS Porto, surgiu através do questionamento: como vamos levar o cinema até essas pessoas de uma forma acessível e gratuita? Além disso, também se indaga: como podemos colocar nosso trabalho em prática para que elas possam ter acesso à cultura local?

De alguma forma, o processo metodológico consiste em mostrar um pouco do que fazemos, não só pelo lazer dos pacientes, mas, também, para trazer conhecimento através da nossa arte como cineastas. Assim, acredita-se, aproximando essas pessoas de uma realidade através da qual possamos debater e refletir baseado nas obras apresentadas em cada sessão.

As sessões são realizadas mensalmente, durante as oficinas de música do psicólogo Izamir Duarte de Farias. Os filmes exibidos foram: “O sol vai voltar amanhã” (Guilherme Bandeira, 2023), “Macieira” (Raphael Maio, 2023), “Homem Valente” (Luiza Oliveira, 2023). Tivemos acesso aos filmes através dos próprios diretores, os quais nos cederam a chance de apresentá-los aos demais. A escolha dos filmes foi feita através das temáticas que eles apresentam, como temas sociais

e reflexivos sobre a vida. Depois das sessões, foi levantado um debate conduzido pelo psicólogo Izamir Duarte de Farias. Essas reflexões são levantadas para que eles trabalhem durante a semana até o próximo encontro da oficina de música. Antes das oficinas eles debatem como foi a semana e como as reflexões levantadas atravessaram a vida deles. Todas as sessões são acompanhadas pelo psicólogo Izamir, que realiza acompanhamento com esses usuários todas as semanas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acompanhando o trabalho dos profissionais da área da Saúde, podemos presenciar como eles lidam com essas histórias sob um ponto de vista técnico e clínico. Isso nos trouxe uma ideia sobre a responsabilidade como cineastas em não apenas capturar essas histórias com precisão, mas também em representar com dignidade a vida dos usuários que vivem essas realidades. A sensatez vai além da mera representação, trata-se de contar essas histórias de uma forma que respeite e amplifique suas vozes, evitando estigmatizá-las ou distorcê-las.

A cinematerapia é uma poderosa ferramenta que permite explorar emoções e experiências por meio da sétima arte, estimulando a reflexão e a interação social. No CAPS Porto, essa prática está sendo aplicada uma vez por mês.

No dia 23 de julho, a primeira sessão de filmes foi realizada durante a oficina de música conduzida pelo psicólogo e músico-terapeuta Izamir de Farias. O curta-metragem escolhido, "O Sol Vai Voltar Amanhã", dirigido e protagonizado por Guilherme Bandeira, retrata a vida de um senhor que, apesar de viver na mesma casa e cidade por anos, não conseguia enxergar a beleza de sua própria história. A transformação se inicia com a chegada de um jovem que o incentiva a valorizar os momentos significativos de sua trajetória.

Após a exibição, houve um debate conduzido pela cineasta Jéssica Maria Rocha da Silva, juntamente com o Psicólogo músico terapeuta Izamir de Farias e o diretor Guilherme Bandeira. Este momento foi essencial para que os usuários compartilhassem suas percepções, destacando a importância de reconhecer a beleza nas pequenas coisas, mesmo diante de limitações mentais e sociais. Os feedbacks foram ótimos com muitos expressando a relevância da atividade para sua autoestima e para a valorização da vida.

Em 17 de setembro, a segunda sessão ocorreu novamente na oficina de música, desta vez com a animação "Macieira", dirigida por Raphael Maio. A história do garoto que tenta pegar uma maçã da árvore de um proprietário egoísta trouxe à tona importantes discussões sobre a partilha e a crítica social. Os usuários, em seus comentários, ressaltaram aspectos como a questão racial, observando a dinâmica entre o garoto negro e o homem branco.

O debate gerou risos e reflexões profundas, e os participantes manifestaram grande interesse pela continuidade das sessões, solicitando mais sessões de filme.

Essas atividades não apenas oferecem entretenimento, mas também funcionam como um recurso terapêutico valioso, promovendo a reflexão e a conexão entre os usuários. Através do cinema, o CAPS Porto está cultivando um espaço de crescimento e transformação através dos filmes produzidos pelos alunos de cinema da UFPEL.

O impacto das sessões foi sendo identificado ao longo do mês; no início das oficinas existe uma conversa com os usuários sobre a semana que se passou. Nos comentários e relatos eles contam sobre o filme, sobre as reflexões levantadas e os pensamentos que tiveram. Na primeira sessão levamos o Diretor Guilherme Bandeira para o debate o que conquistou ainda mais a atenção dos usuários, essa

troca direta com o diretor incentivou mais ainda a vontade de falar sobre o filme e assistir mais obras. Ao final das sessões sempre escutamos comentários como “já acabou?” “Vocês precisam trazer filmes maiores”. O psicólogo Izamir comentou conosco que ao longo das oficinas eles manifestam alguma coisa ou outra sobre as sessões, e sempre perguntam quando será realizada a próxima.

Na última sessão durante o debate perguntamos a eles se eles gostam das sessões e se eles gostariam que a gente continuasse levando filmes para eles assistirem, o feedback foi ótimo, todos comentaram que gostam quando levamos filmes e que era para continuar.

4. CONCLUSÕES

Pode-se afirmar que: as discentes se deparam com uma realidade completamente diferente daquela à qual estavam habituadas a participar em sua graduação, visto que são as primeiras acadêmicas de Cinema a participar do programa PET Saúde na UFPel.

A experiência em si na área da saúde mental tem sido enriquecedora e empática, levando em conta o fato de que, como discentes de cinema, estão lidando com pessoas de vulnerabilidade psíquica e social. Assim, trazendo uma visão mais fraterna, que busca por algum tipo igualdade na atual sociedade em que vivemos.

Acreditamos ser essencial que cineastas em geral desenvolvam sua sensibilidade ao abordar temas complexos em realidades difíceis. A forma como escolhemos contar essas histórias pode impactar profundamente a percepção pública e a experiência das pessoas envolvidas em frente ou atrás das câmeras. A responsabilidade ética deve estar no centro do nosso trabalho, garantindo que a representação seja fiel, respeitosa e empática. Como cineastas, queremos trazer essas histórias à tona de maneira que contribua para a conscientização e a mudança social perante essas pessoas.

Ao refletir nossa experiência no CAPS, percebemos que o papel do cineasta vai além de contar uma história, é sobre como contamos essas histórias e qual mensagem estamos transmitindo. Devemos estar atentos e responsáveis pela forma como representamos realidades invisibilizadas, garantindo que nosso trabalho contribua para um maior entendimento e respeito pelas experiências alheias. A sensibilidade e a empatia devem ser os guias na nossa jornada criativa, assegurando que nossas representações promovam um senso de humanidade mais profundo e mais verdadeiro. Através dessa oportunidade estamos produzindo um documentário que acompanhará o trabalhador da saúde mental e os usuários do CAPS Porto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WILLRICH, J.Q.; KANTORSKI, L.P. **CAPS Castelo: Um pouco da história da loucura em Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2008.

Fripp, J. T. Cuidativa: Documentário como registro das práticas integrativas e complementares no âmbito dos cuidados paliativos. **Monografia**. 2024 monografia de conclusão de curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual - Universidade Federal de Pelotas.